

Cheryl Holt

# NOITES DE PAIXÃO

Tradução  
Maria Emília Ferros Moura

3.<sup>a</sup> edição

*Quinta Essência\**



# 1

LONDRES, INGLATERRA, 1813...

– Uma poção de amor? – troçou Kate Duncan. – Diz-me que é uma brincadeira, por favor.

– Não, não é.

– E para que a queres?

Lady Melanie Lewis, a sua prima afastada de dezasseis anos, respondeu com rebeldia:

– O que te parece? Tenciono fazer com que Lord Stamford se apaixone por mim.

– Lord Stamford? Apaixonar-se por ti? – retorquiu Kate, mal conseguindo suster o riso.

– Isso mesmo.

– Onde a conseguiste? – interessou-se Kate, respirando fundo num esforço para se acalmar.

– Um farmacêutico vendeu-ma – respondeu Melanie, inclinando-se para diante e acrescentando num sussurro: – O homem jura que é extremamente forte, e, como tal, devo administrá-la de forma adequada, senão provoco consequências imprevisíveis.

– Que tipo de *consequências*?

– Se não agir com cuidado, duas pessoas inadequadas poderiam sentir-se atraídas, o que seria catastrófico.

Kate revirou os olhos.

– É impossível que acredites que essa beberagem dê resultado, Melanie!

– Porque não havia de dar?

– As poções mágicas não existem.

– Hah! Isso demonstra a tua falta de conhecimentos. Paguei uma fortuna por esta. Tem de ser genuína.

Kate ergueu o frasco e sacudiu-o ao de leve sob a luz do candeeiro. Viu que continha um líquido escuro e teria apostado até ao último centimo que se tratava de vinho tinto.

– O que devo exactamente fazer com isto?

– Tens de dar-lha a beber um pouco antes do meu encontro com ele. Deita-a no *brandy* ou na sopa, sem que ele perceba, é óbvio.

– Oh, é óbvio.

– Amanhã à noite, quando nos apresentarem, seria o momento ideal. Quero-o encantado por mim desde o primeiro minuto.

– Encantado?

– Sim.

Kate suspirou. Durante anos tinha sido dama de companhia de Melanie, e também sua tutora, instrutora e guardiã. Não era a primeira vez que a ouvia dizer um monte de disparates, ou a engendrar ideias estranhas e insensatas, mas esta era, de longe, a mais extravagante.

Para todos, Marcus Pelham, de trinta anos, conde de Stamford, era um patife, frio, libertino e distante. O anseio de Melanie de que se apaixonasse perdidamente por ela era uma loucura. Não, era mais do que uma loucura: roçava a demência. Teria perdido o juízo?

Marcus Pelham jamais amaria Melanie. Quer ela pusesse a beberagem na sua comida ou não, ele jamais se apaixonaria. Melanie conhecia, obviamente, os limites e as repercussões de um casamento aristocrático. A sua mãe, Regina, fora cansativa na exposição dos pormenores. Se Lord Stamford escolhesse Melanie para noiva, seria pelos motivos habituais: dinheiro, propriedades, alianças familiares.

O afecto não desempenharia qualquer papel.

– O momento em que o fizeres é crucial – prosseguiu Melanie. – Tens de falar com os empregados para saber quando e onde é mais provável que ele...

– Escuta-me, Melanie! – interrompeu Kate, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a. – Não vamos fazer isto. *Eu* não o farei.

– Farás sim!

– Stamford é um cavalheiro inteligente, astuto e perspicaz. E se me surpreendesse? Como ia justificar-me?

– Francamente, Kate. Não tens imaginação. – Melanie empurrou-a. – Tens de começar já a inventar uma história. Assim, se te descobrirem, terás uma desculpa na ponta da língua. Então, quando tentarmos?

Kate contou até dez, rogando para ter paciência. Melanie sempre havia sido obstinada e Kate sentia-se cansada dos seus caprichos.

– Vejamos se me entendes: estás proibida de tentar. Se insistires, falarei com a tua mãe e farei com que ela impeça os teus propósitos.

Ante a menção da sua mãe, Regina Lewis, a condessa viúva de Doncaster, Melanie enfureceu-se, agitando os cachos de cabelo dourado.

– Se te atreveres a fazer isso – ameaçou, gritando – dedicarei o resto da minha vida a fazer com que te arrependas.

– Cala-te, antes que despertes toda a casa – ordenou Kate, tão zangada quanto a prima.

Há muito tempo que vivia com Melanie e suportara demasiadas explosões de raiva para tolerar mais uma, sobretudo a meio da noite. Pousou o frasco em cima da cómoda e preparou-se para sair, irada.

– É muito tarde e amanhã teremos um dia ocupado.

– Leva a poção – ordenou Melanie, pegando bruscamente no frasco e empunhando-o como se fosse uma arma.

– Não podes dar-me ordens.

– Se não a levares, farei qualquer coisa drástica. *Eu... eu...*

Parecia que no meio daquele arrebatamento era incapaz de encontrar uma conduta suficientemente repreensível, mas o seu semblante congestionado fazia prever que estivesse à beira de um ataque de nervos.

– Tem dó! – resmungou Kate por entre dentes. – Dá cá isso.

Aproximou-se dela e reaveu o frasco. Melanie fitou-a com um ar triunfante, pois em momento algum duvidara de que conseguiria obrigar Kate a submeter-se às suas ordens, fossem elas quais fossem.

Rangendo os dentes, Kate saiu a toda a pressa e fechou a porta. A sua anfitriã, Lady Pamela, a sofisticada madrasta de Lord Stamford, não se preocupava com poupanças, por isso um candeeiro estava permanentemente aceso junto ao patamar, iluminando o caminho de Kate. Avançou com um passo arrastado na direcção das escadas com intenção de subir aos seus aposentos, mas sentia-se cansada, exausta pela viagem a Londres e por ter de batalhar a todas as horas com Regina e Melanie. No terceiro degrau, deixou-se cair, com o rosto entre as mãos.

Não havia necessidade de pressa. O seu quarto era um espaço arrumado, limpo, confortável, mas com pouco mobiliário e silencioso, ao fundo de um corredor deserto. Aquela localização apenas contribuía para acentuar a solidão que vinha a sentir nos últimos tempos.

Pelo menos não a tinham hospedado no sótão com a criada! Desde que ficara órfã, aos oito anos, sofrera muitas humilhações, mas o seu orgulho não teria suportado mais essa.

Tinham passado tantos anos desde que o pai ostentara o título de conde de Doncaster, desde que ele morrera e o filho de Regina, Christopher, fora resgatado à pobreza e obscuridade para substituir o seu pai. Kate mal conseguia recordar-se daquele período de riqueza e privilégios.

Fora realmente filha de um conde? A mãe fora realmente a mulher mais bonita de Inglaterra? Era verdade que tinha vivido como uma princesa? Ou tudo não passava de um sonho, recorrente e inexplicável?

A mãe de Kate casara-se demasiado jovem. Sentira-se angustiada e infeliz naquele casamento e, finalmente, fugira para Itália com um amante. O pai não conseguira suportar a vergonha e suicidou-se, deixando Kate desamparada, sem recursos, sem dote e sem um tutor responsável por ela.

Antes de ter tempo para digerir a tragédia, já a indomável Regina se mudara para Doncaster e tomara as rédeas do poder. Em poucas semanas, o seu enfermo marido tinha herdado o condado, mas para sorte dela falecera, deixando-a viúva e com um bebé que seria o novo lorde. Desde então tinha administrado as propriedades como uma rainha déspota, dirigindo com mão de ferro e intimidando todos até que eles cedessem às suas ordens.

Regina nunca permitia que Kate se esquecesse de que era uma pesada carga, que começava a envelhecer, que os egoístas dos pais não tinham zelado pelo seu bem-estar e a haviam abandonado aos caprichos do destino. Regina aproveitava a mínima ocasião para recordar o quão fracos e dementes tinham sido os pais de Kate e que o seu sangue manchado lhe corria nas veias. Repreendia-a tão veementemente e tantas vezes que Kate tomara as críticas a peito e, para impedir que as outras pessoas descobrissem a sua esquecida linhagem e a julgassem severamente, raras vezes mencionava o apelido.

Havia um espelho na parede e ela contemplou atentamente o seu reflexo. Sob a luz mortíça, não aparentava de forma alguma ter vinte e cinco anos, embora fosse essa a sua idade.

O cabelo castanho-avermelhado brilhava denso e sedoso e não indicava um temperamento hedonista, como Regina proclamava com regularidade. Regina afirmava que era o tipo de cabelo das bruxas, que a cor incitava comportamentos selvagens e que tinha sido a ruína da mãe. Receosa de ser acusada de possuir um carácter dissoluto como o da mãe, Kate mantinha-o escondido sob toucas e capuzes.

Por entre as sombras, os seus olhos verdes cintilavam de vida, o seu rosto era bonito e atraente. O corpo esbelto era feminino, as curvas bem definidas e sedutoras, e não conseguia detectar qualquer indício da patética criatura que Regina a fazia sentir-se. Era como se estivesse a contemplar a mulher que ansiava por ser em vez da que era.

Baixou os olhos e examinou o frasco, que continuava a agarrar.

– Uma poção de amor – murmurou. – O que virá depois?

Há algum tempo que tinha percebido a estupidez de sucumbir à paixão. Tal como os seus pais haviam evidenciado, uma paixão desmesurada conduz à infelicidade e à tragédia, e Kate não estava disposta a ajudar Melanie a cometer uma imprudência.

Kate desarrolhou o frasco com a intenção de despejar o líquido dentro de um vaso de barro, quando um impulso estranho (travessura? loucura? tédio?) a desviou do seu propósito inicial. Em vez de se desfazer do conteúdo do frasco, levou-o à boca e ingeriu-o de um só gole.

Contrariamente ao que previra, o preparado não sabia a vinho. O gosto era mais terroso, doce e aromático, como se tivesse sido desti-

lado a partir de flores e hortelã. Lambeu os lábios, lamentando que não houvesse mais.

De súbito sentiu algo semelhante a um rumor nos ouvidos, como se escutasse o rebrantar de vagas tumultuosas na praia. Sentiu uma repentina onda de calor a apoderar-se do seu corpo. Alargou o cinto do robe e as lapelas cederam, mas não sentiu qualquer alívio. Incomodada, desabotoou a camisa-de-noite e abriu um pouco o corpete, para que o ar entrasse. O tecido parecia quente e áspero e detestava o seu toque de encontro à pele.

Embora fosse uma agradável noite de Junho, a casa estava fria. Kate desejou libertar-se da roupa e correr nua pelos corredores, para se refrescar. Soltou uma risada nervosa ante a ideia, como se estivesse embriagada.

O cabelo pesava-lhe, a comprida trança tornou-se incómoda e provocava-lhe dor de cabeça. Desfez-se da fita, entrelaçou os dedos nas madeixas, libertando-as, permitindo que caíssem escandalosamente. Aquela desinibição fez com que se sentisse redimida, lasciva, finalmente liberta.

Voltou a contemplar-se ao espelho e pareceu-lhe que resplandecia com uma beleza invulgar que a fascinou. As madeixas envolviam-lhe as ancas com brilhos vermelhos e dourados que cintilavam numa espécie de halo. Os olhos adquiriram um verde ainda mais esmeralda e desprendiam um brilho misterioso, como os de um gato; as faces afoquearam-se-lhe. Tinha um aspecto atrevido, rebelde, tão indómito como se acabasse de cometer um acto escandaloso, ou estivesse prestes a cometê-lo.

Olhou em redor e surpreendeu-se ao verificar que já não estava sentada na escada. Embora não tivesse a menor ideia de como chegara até ali, encontrava-se num longo corredor, contemplando uma série de portas que se perdiam no infinito. A sua visão era limitada e imprecisa, mas os restantes sentidos aguçaram-se. Era capaz de cheirar a cera nas molduras de madeira, distinguir as partículas de pó sob uma mesinha decorativa, ouvir um ratinho a correr por dentro da parede.

Onde estava? Tinha a certeza de se encontrar no interior da mansão de Lady Pamela, mas desconhecia a sua localização exacta.

Era aquele o corredor que levava aos seus aposentos? Todas as portas pareciam iguais. Qual era a do seu quarto?

Ansiosa por se deitar e acalmar a vertigem, começou a percorrer aquele corredor que a apertava como uma luva. Os membros pesavam como pedra, o corpo movia-se devagar e languidamente, como se em lugar de caminhar, nadasse.

Baixou os olhos e surpreendeu-se a agarrar a maçaneta de uma porta com uma das mãos; decidiu rodá-la e esgueirar-se para o interior, mas aquele não era o seu quarto! No que estava a pensar?

Entrara numa grande suite, sem dúvida a de um homem, adornada com reposteiros grená, tapetes felpudos e um imponente mobiliário de mogno. A sala estava vazia, mas ao fundo havia um segundo quarto e quase deslizou na sua direcção, sem que os pés parecessem tocar no chão.

Era maior do que o primeiro. Havia uma extravagante lareira em mármore e, embora fosse Verão, as chamas ardiam vivamente para lá da grade.

O centro era ocupado por uma magnífica cama assente sobre um pedestal. Com uma sólida armação, um colchão luxuoso e a cabeceira e postes talhados, parecia o tipo de leito destinado ao sono de um rei ou de um príncipe.

Um homem e uma mulher estavam deitados sobre os lençóis, pecaminosamente nus. Kate sabia que devia ir-se embora, mas não conseguia deixar de olhar. O homem estava estendido e a mulher ajoelhada sobre ele. Era loura, roliça e com o farto cabelo dourado tombado pelas costas. Os seios voluptuosos subiam e desciam ritmicamente e meneava as ancas enquanto se balançava sobre o homem. Cavalgava-o como no lombo de um cavalo, com movimentos peritos, fluidos, elegantes.

Kate tentou identificá-la. Concluiu que se parecia vagamente com Lady Pamela, mas podia tratar-se de qualquer uma. Na realidade, ao focar a vista, observou o seu próprio rosto onde deveria estar o da mulher.

Era ela aquela mulher? Estava tão confusa!

Espiou-os, muda e ansiosa, indiferente à possibilidade de que dessem pela sua presença. Era invisível, flutuava no ar como um fantasma intangível. Escondeu-se no meio das sombras e concentrou-se no homem.

Moreno e de olhos escuros, era o homem mais belo que alguma vez tinha visto, de feições perfeitas. Esbelto, robusto, musculoso, praticava com toda a probabilidade esgrima ou pugilismo para se manter em forma.

Embora não o reconhecesse e não fizesse ideia de quem podia ser, achou-o familiar, amado, como um velho amigo que acabara de reencontrar.

«Finalmente descobri-te», esteve quase a dizer, mas conteve-se a tempo. Sentiu-se, no entanto, tomada por uma súbita e transbordante alegria.

Ele beliscou os mamilos da mulher, massajando-os e acariciando-os e ela estremeceu num arrebatamento.

Kate sentiu um calafrio nas costas. Era como se aquele homem estivesse a acariciar os seus *próprios* mamilos, os seus *próprios* seios. Sentiu um estremecimento e um espasmo no ventre. A zona secreta entre as suas pernas ficou cada vez mais quente e húmida. O corpo compreendia e aceitava de bom grado aquela conduta libidinosa. Sentia-se desabrochar e irradiando um vigor e uma energia que a levavam a ansiar e a cobiçar. Vibrou com uma necessidade e um desejo de sensações a que nem sequer sabia dar um nome.

O casal entregava-se a uma dança incrível, um bailado de requintada sensualidade e elegância, cada um com um papel a interpretar. Estimavam-se e contraíam-se, atraíam-se e rolavam, com os braços e as pernas numa perfeita sintonia, e de maneira instintiva Kate percebeu que faziam amor. Ela estava a testemunhar o acto secreto no leito conjugal. E era tudo tão bonito, tão fascinante, que teria ficado ali eternamente, observando-os e interrogando-se sobre a sua relação, as suas intenções.

«Poderias estar com ele», sussurrou uma voz. «Podias amá-lo. Ele poderia corresponder ao teu amor. Não é isso o que desejas? O que sempre desejaste?»

A voz era tão categórica, firme e real. Mexia com as suas entranhas, excitava-a e suspeitou que, se se apressasse a seguir os seus ditames, podia converter-se na mulher que estava com ele.

Sentia-se confusa, incapaz de entender o que se passava; tentou fugir, mas constatou que era impossível sair dali.

O homem olhou para ela e sorriu-lhe. Pôde ver então que os seus olhos não eram escuros, mas de um azul cintilante, abrasador. Resplandeciam de intensidade e sentiu aquele olhar tão palpavelmente como uma carícia.

«Vem ter comigo», ouviu-o sussurrar com voz sedutora. «Deixa-me ser teu.»

O homem voltou a beliscar os seios da amante, em seguida desceu até ao ventre, até a sua mão se perder entre as pernas da mulher. Kate conseguia sentir o movimento, o calor da palma da mão, cheirar o excitante aroma almiscarado que emanava da pele dele. Tinha estimulado um lugar sensível, desconhecido até então para ela, mas que latejava e doía ao ritmo da sua pulsação e da dele. Estavam ligados, unidos até ao mais fundo das almas.

Dentro dela crescia uma estranha pressão. Era tão potente, tão arrebatadora, que lutou por não perder o ritmo, convencida de que em algum momento ia explodir de prazer, desfazer-se em mil pedaços.

Pestanejou e ele estava em frente dela, embora não soubesse como ou quando se aproximara. Era alto, com cerca de um metro e oitenta, e inclinava-se para ela; o seu corpo robusto empurrava-a, pressionando-a contra a parede.

Cada centímetro do seu corpo estava esmagado no dela. Ele era liso onde ela apresentava relevos, magro onde ela tinha curvas. Pela mente de Kate passou a fugaz ideia de que os seus corpos haviam sido especificamente criados para se encaixarem um no outro.

«Amo-te», murmurou ela em silêncio.

«Sempre me amaste», respondeu ele.

Ele ergueu a mão e mostrou um anel precioso, incrustado de diamantes. No centro brilhava uma safira, da cor exacta dos seus olhos.

«É para ti», disse ele. «Guarda-o para que possas recordar.»

«Não posso.»

Mesmo na confusão do momento, Kate teve consciência de que aquele anel era demasiado valioso para que ele o oferecesse e, ainda mais importante, considerava-se demasiado insignificante para o aceitar. Como ia justificar que estivesse na sua posse?

Kate afastou-o delicadamente, mas ele enfiou-lho no dedo e fechou-lhe a mão com firmeza para que não o deixasse cair.

«Fá-lo por mim.»

A sua expressão era tão convincente e sincera que não conseguiu rejeitar o presente.

«De acordo.»

Ele inclinou-se para ela e Kate preparou-se para receber o beijo que esperava, mas, no último momento, ele puxou-lhe o corpete da camisa-de-noite, desnudando um dos seios, cujo mamilo se contraiu imediatamente. Ele lambeu-o com avidez e depois sugou-o.

Algo pareceu rasgar-se de súbito dentro dela, agulhoando o lugar secreto onde residiam a sua solidão e o seu desespero. Kate agarrou-se ao amante e atraiu-o de encontro ao corpo, desejando poder fundir-se com o seu corpo e não voltar a separar-se dele.

Ele mordiscou o botão rígido, provocando-lhe uma excitação que mal conseguia suportar e ela soltou-se bruscamente, surpreendida ao ver-se no seu quarto, na sua cama. Havia provas visíveis de que se movera de um lado para o outro. Os lençóis estavam húmidos e a almofada no chão.

Devia ter sonhado. Tinha de ser um sonho!

Levantou-se, aturdida, e estremeceu ao sentir as picadas de uma repentina e violenta enxaqueca. O coração batia com tanta força que até as veias lhe doíam. Estava húmida entre as pernas, o corpo chorava o desejo insatisfeito. Estava banhada em suor e tremia. Precisava de se resguardar daquele frio repentino.

Ficou surpreendida ao ver o corpete descido e um dos seios à mostra. Tremendo de ansiedade, esfregou a palma da mão sobre o mamilo endurecido. Gemeu angustiada ante a corrente de sensações que o gesto despertou e apressou-se a ajeitar a roupa, tapando-se.

O que tinha acontecido? O que fizera?

O luar projectava misteriosas sombras na cómoda. Kate examinava infatigavelmente o que a rodeava, tentando retirar conclusões do que via, até que reparou no frasco vazio do elixir de amor, que havia bebido na escada.

Recuou assustada, desviando o olhar. Ao dobrar-se para apanhar a almofada, notou um peso estranho na mão. Elevou-a e observou assustada o anel de pedras preciosas.

– Oh, meu Deus! – exclamou quase sem fôlego.

Era sólido, elaborado, de fino ouro e lustroso, com pedras de corte elegante.

Porque tinha aquele anel? O que significava? Se a descobrissem com ele, o que ia dizer? Nem sequer conseguia imaginar uma resposta coerente.

Deixou-se cair em cima da cama e fechou os olhos com força, ansiosa por adormecer durante muitas horas. Esperava de todo o coração que ao despertar o anel e o frasco tivessem desaparecido.

